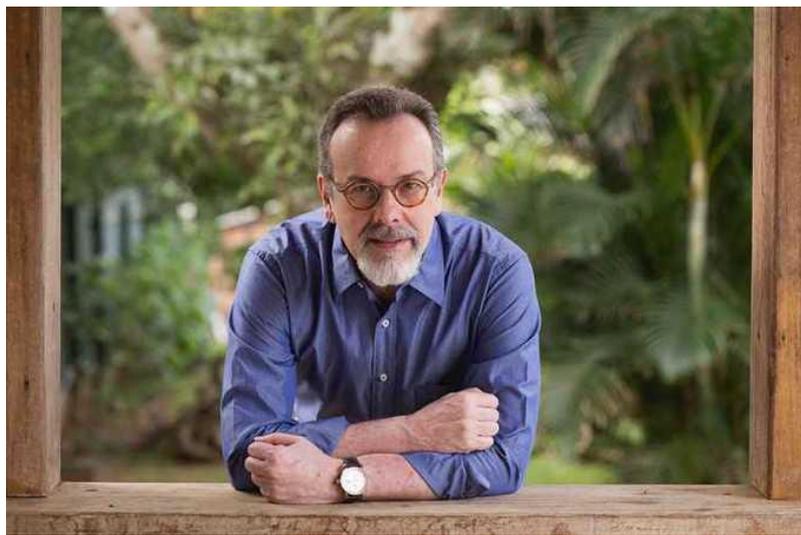


# MATADOURO MATADOURO DE VOZES DE VOZES

Por José Neres

(Membro da Academia Maranhense de Letras e da Sobrames)

Não sinto a pulsação dos muros,  
A umidade das horas



Ronaldo Costa Fernandes é um daqueles intelectuais que conseguem trilhar com desenvoltura por diversos caminhos das letras. É muito respeitado como ensaísta, diversas vezes premiado por seus textos em prosa (romances,

novelas e contos) e, nas últimas duas décadas, vem produzindo poemas de excelente qualidade, como pode ser visto nos livros: **Estrangeiro** (1997), **Terratreme** (1998), **Andarilho** (2000), **Eterno Passageiro** (2004), **A máquina das mãos** (2009), **Memória dos porcos** (2012) e **O difícil exercício das cinzas** (2014).

Bastante seletivo em suas leituras, na elaboração de seus textos e na organização de suas obras, o escritor maranhense trouxe à luz no final de 2018 mais um livro: **Matadouro de Vozes**, um conjunto de poemas mesclando um tom filosófico com quase imperceptíveis – à primeira vista – apelos políticos e sociais incrustados nas entrelinhas de versos harmoniosos entre si.



**Matadouro de Vozes** é um livro extremamente metafórico com versos que, quando são isolados e tirados do contexto do poema, podem passar ao leitor uma ideia de facilidade e/ou de superficialidade, mas que, quando lidos em sua integralidade despertam a sensação de um incômodo existencial e social que permeia experiências compartilhadas por todos os seres humanos, dito por poucos e transformado em palavras escritas por raros artífices dos versos. De alguma forma, em seu novo livro, Ronaldo Costa Fernandes consegue tramar e explicitar uma nem sempre possível imbricação entre o que é aparente para as pessoas e o que se esconde dentro de cada um de nós, seres humanos limitados quase sempre pelas próprias limitações impostas e aceitas como verdades incontestáveis.

Logo no primeiro poema do livro, o leitor se depara com uma afirmação que pode parecer pessimista: “a tristeza é sempre mais pesada que o ar”, mas que

Em 2010, O Livro **A Máquina das Mãos**, de Ronaldo Costa Fernandes, recebeu o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras

serve como portal de entrada para os demais textos do livro. Cada estrofe do livro causa a mesma incômoda sensação de “uma fruta que cai / e não alcança o chão”, que aparece como desfecho do poema intitulado “O egoísmo da carne”. O peso dessa tristeza existencial que permeia os versos do livro de Ronaldo Costa Fernandes leva o leitor a percorrer caminhos poéticos perturbadores e conturbados, pelos quais algumas vezes a “mesa tem cavernas / onde o labirinto das teclas / penumbram becos sem saída”.

#### MURO DAS LAMENTAÇÕES

Pendurei um século  
na parede do escritório.

As paredes  
transformaram tudo em açude.

Minha mesa tem cavernas  
onde o labirinto das teclas  
penumbram becos sem saída  
e indóceis diques  
mergulham a mente naufragada

Pouco depois da metade do livro, aparece o poema “Criadouro de vozes”, que serve como contraponto do título da obra, mas que, ao contrário dos demais textos, abre caminho para esperança de dias melhores, com o lançar das “sementes do caminho” e o “abrir de estradas”. Ao utilizar essa paradoxal metáfora de colocar um criadouro de vozes quase no centro de um universo preparado para abafar, silenciar e matar as vozes que ousam se levantar, o poeta acaba revelando um pouco de sua intenção. Assim como Drummond fez uma flor furar o asfalto e desafiar os sombrios momentos pelos quais passava o mundo, Ronaldo Costa Fernandes faz com que murmúrios que deveriam ser silenciosos alcancem a dimensão de palavras, falas, gritos e berros. De alguma forma, o poeta pode até morrer, mas jamais silenciar. Eis uma das mensagens subliminares do livro.



**Matadouro de Vozes** é um livro de protesto quase inaudível para quem se acomoda com as aparências das coisas sem buscar a essência escondida em algum ponto às vezes quase indevassável da esfera do SER humano. E, ao mesmo tempo, um alerta para quem se incomoda com a apatia colorida dos chamados tempos de pós ou ultramodernidade. Os poemas do livro devassam o presente sem a necessidade de negação do passado e deixam a lição de que “o futuro é um bicho hospedeiro do homem”.